

ECONOMIA - Brasil

16 DEZ 1991

Marcílio prevê primeiro trimestre difícil e aquecimento após julho

por Nora Gonzalez
de São Paulo

O próximo ano deverá ser o marco de uma transição econômica entre um período de inflação exagerada e estagflação para outro de reinício de crescimento com maiores exportações. Isto não afasta, entretanto, a possibilidade de um primeiro semestre difícil, com sinais de aquecimento econômico a partir de julho e confirmação desses indícios em 1993.

Esse panorama foi traçado, na sexta-feira, pelo ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, para quem o Brasil já apresenta sinais de mudança neste ano. "A entrada de capital estrangeiro em 1991 será de US\$ 10 bilhões, o dobro do número registrado no ano passado e esse fluxo se intensificou nas últimas semanas", disse Marcílio ao encerrar o seminário "O Desafio da Abertura Econômica".

Para o ministro, contribuíram para isso itens como "regras estáveis de jogo" e a reforma da lei de remessa de lucros. A soma desse conjunto de medidas com uma política "coerente" e "eficaz" aliadas à auto estima que, segundo ele, está faltando em todo o País, é que permitirão que o Brasil volte a ocupar um lugar de destaque no mapa mundi econômico.

O ministro frisou a necessidade de o País prosseguir na abertura econômica, sob pena de "cair num pantano de obsolescência". "Temos de aproveitar este momento para não nos atrasarmos mais", disse.

As dificuldades pelas quais o País passa neste momento não foram desprezadas pelo ministro, mas, para ele, há condições de fazer as mudanças necessárias para sobreviver. "No momento, não precisamos tanto de aumento na capacidade industrial instalada, mas sim ênfase na qualidade, competitividade, treinamento e marketing, tudo aquilo que seja modernização."

A inflação deverá continuar caindo, segundo previsão de Marcílio, até chegar aos 20% em 1993, conforme compromisso junto ao Fundo Monetário Internacional. O caminho para atingir essa meta, contudo, não é através da recessão, segundo explicou, mas pelo crescimento sadio da economia. "Os sinais de recessão que aparecem são os efeitos colaterais, pois a própria inflação é recessiva", disse.

ADMIRAÇÃO

O ministro também participou, na sexta-feira, de um almoço junto a empresários no restaurante Santo Colomba. No encontro, falou-se sobre inflação, política econômica e taxa de juros. O ministro disse que o custo do dinheiro deverá cair, acompanhando a desaceleração da taxa de inflação, mas ainda haverá juros reais. Paulo Cunha, presidente do grupo Ultra, disse, à saída do encontro, que 1992 será um ano difícil. Para Antônio Ermírio de Moraes, presidente do grupo Votorantim, o Brasil tem de produzir mais para empregar mais e exportar mais. "Defendi essa tese no almoço e ela vingou", disse. Eugênio Staub, da Gradiente, contou que o ministro fez uma exposição

sobre os rumos da política econômica. "Apresentamos nossa admiração ao ministro pela serenidade e firmeza com que vem conduzindo a economia", disse o empresário. Para Olacyr de Moraes, presidente do grupo Itamarati, o encontro foi cordial. "Não houve

qualquer tipo de pedido ao ministro." Segundo ele, a atual política econômica pode provocar alguns casos de queda nas vendas e concordata, mas o caminho para redução da inflação é uma política monetária austera com redução dos gastos do governo.